



**Fontes orais e o método de análise  
fotográfica oral: perspectivas de atuação  
do profissional da informação**

**Mariany Toriyama Nakamura  
Giulia Crippa**

# Fontes orais e o método de análise fotográfica oral: perspectivas de atuação do profissional da informação

## Oral sources and the oral photographic analysis method: perspectives of the Information Professional practice

Mariany Toriyama Nakamura \*  
Giulia Crippa \*\*

---

**Resumo:** *Verifica-se que, no âmbito acadêmico, o uso de fontes orais e fontes fotográficas de informação encontram ainda divergências de abordagens e metodologias. O desenvolvimento da história oral e a produção de fontes orais e constituição de seus acervos, foram, desde o início, discutidos quanto à sua validade e legitimidade quando se tem por base o conceito tradicional de documento escrito. Assim o foi com o registro fotográfico. Com base nisso, este trabalho buscou desenvolver um estudo exploratório do desenvolvimento da história oral, a aceitação acadêmica e o uso de fontes orais e o recente método de análise fotográfica oral na constituição da fonte oral. Através da literatura levantada foram também abordadas as relações entre a ciência da informação e o profissional da informação com a constituição da história oral contemporânea.*

**Palavras-chave:** *História oral contemporânea; fontes orais; fontes fotográficas; ciência da informação.*

**Abstract:** *There are still different approaches and methodologies in academic environment when discussing the use of oral sources and photographic sources. Since its beginning, oral history development and the production of oral sources and their research sources were questioned about its validity and legitimacy in face of the traditional concepts of a written document. The same way happened with photographic sources. Therefore, an exploratory study about the oral history development, its academic acceptance, the use of oral sources and the new method of photographic analysis were developed. The relationship between Information Science and the Professional of information with the contemporary oral history was described in this research too.*

**Keywords:** *Contemporary oral history; oral sources; photographic sources; information science.*

---

\* Bacharel em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). E-mail: marianytnakamura@gmail.com.

\*\* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e do curso de Ciências da Informação e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP). E-mail: giuliac@ffclrp.usp.br.

## Introdução

A história oral contemporânea, como se convencionou chamar, surgiu em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita e, além de uma metodologia de pesquisa, realiza, essencialmente, a constituição de fontes para o estudo da história contemporânea.

Este trabalho procura desenvolver um estudo exploratório da produção e utilização da fonte oral primordialmente no âmbito da história oral, e depois nas diversas áreas do conhecimento. Buscou-se maior compreensão das definições e desenvolvimento dos aspectos constituintes da história oral para que fosse possível entender e conceituar as fontes orais. Ao cientista da informação, este trabalho objetiva expor um campo novo de atuação com um rico potencial tanto na produção quanto organização e elaboração de sistemas e ferramentas de busca e intermédio aos usuários de acervos orais.

Diante da afirmação de Le Goff (2003, p.107-108) sobre a extensão da documentação histórica contemporânea, especialmente do recurso iconográfico, quando se trata da pesquisa histórica, aqui foi abordado o recente uso de documentos fotográficos no âmbito da história oral como estímulos para compor fontes orais e um exemplo de mais uma variação ou ampliação dos conceitos de história oral propostos até então. Tanto a fonte oral como a fonte fotográfica possuem histórico de divergência no ambiente acadêmico, não sendo em vão a opção de posicioná-las atuando juntas nesta pesquisa.

Compreende-se que muitos dilemas históricos pela qual a história oral ou a fonte oral passaram, estão atualmente resolvidos e se pretende aqui permear as mudanças conceituais ao longo desses anos de desenvolvimento nestes campos de conhecimento. O intuito neste trabalho é posicionar alguns aspectos que proporcionem ao cientista da informação questionar o seu papel numa área de estudo relativamente nova que vem se firmando e precisa de um novo direcionamento para seu uso futuro. Espera-se que este trabalho desfaça os tradicionais questionamentos quanto

ao foco de trabalho da ciência da informação em novos ambientes e formatos informacionais que não permitam que o cientista da informação fique restrito a uma parcela pequena de espaço para trabalho, no que hoje se faz tão extenso.

## História oral: tradição oral à escrita

A afirmação de que a história oral é tão antiga quanto a própria história ainda é vaga. Porém, é fato que toda história antes de ser escrita passou por manifestações da oralidade atribuídas há séculos. Meihy (2007, p.93) aponta que a prática do registro de histórias servia tanto como forma de conhecimento, normatização dos comportamentos coletivos ou estratégia de dominação, na medida em que revelava tanto o alcance dos limites pessoais e de grupos, além de estabelecer parâmetros políticos de convívio. O significado do prestígio e do valor dominante da palavra escrita sobre a oral, portanto, sempre se fez como forma de exercer poder e, desde o princípio, impôs um dilema entre os dois códigos.

A transmissão de conhecimentos e informações através das gerações forçava o desenvolvimento da memória e das práticas de narrações que davam sentidos a um tipo de prática de contar. Com a escrita formulava-se uma distinção entre a memória como atributo da transmissão oral e de outra concepção de memória.

Em seu aspecto testemunhal, a história equiparava o contato pessoal à observação direta através da seleção de fatos realizada pelo historiador. Porém, na medida em que o distanciamento dos acontecimentos imediatos e a evocação de situações passadas se impunham, houve a necessidade de credibilidade documental; a história a partir de então não poderia ser apenas testemunhal, oralizada ou isenta de arquivos ou guarda documental.

O conceito da história oral contemporânea desenvolveu-se na América do Norte, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, e foi auxiliado pelo apreço

aos depoimentos de vítimas de guerra nas rádios que substituíam pouco a pouco a exclusividade dos grandes nomes da história por grupos, até então, excluídos historicamente. Junto do sucesso da história oral está o desenvolvimento do rádio e do gravador. É, portanto, sua certidão de batismo que a marcou como resultado das oportunidades geradas pelo desenvolvimento da gravação eletrônica, adotada como incorporação de uma tendência moderna que passou para um processo de sistematização na década de 70 e que possibilitou a instrumentalização de suas técnicas.

No Brasil, a história oral foi introduzida na década de 70 com a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e História Contemporânea do Brasil (CPDOC), mas apenas no início dos anos 90 se expandiu com a multiplicação de seminários e a incorporação, em programas de pós-graduação em história, de cursos voltados para a discussão da história oral.

Desde que se estabeleceu como prática e movimento nos anos 60 e 70, a história oral tem sido debatida por historiadores quanto à sua confiabilidade como fonte histórica, pois era “distorcida pela deterioração física e pela nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado”. (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 1998, p.66).

Le Goff (2003, p.419) define memória como propriedade de conservar certas informações com as quais o homem pode atualizar impressões ou informações do passado. Assim, compreendemos que a memória não se limita apenas à faculdade de reter informações adquiridas, pois tanto nos seus aspectos biológicos como psicológicos, não é mais do que o resultado de sistemas dinâmicos de organização que apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”. (LE GOFF, 2003, p.421). Ressalta ainda a importância da memória coletiva e o papel que desempenha na sociedade, mas a memória, ainda que individual, passa pelo testemunho das pessoas que relatam em suas lembranças experiências vividas e presenciadas e que, de alguma forma, representam não apenas seu caráter individual, mas um retrato da sociedade.

Durante muito tempo, os estudos de história privilegiaram os documentos escritos como garantia de veracidade dos acontecimentos assim registrados, o que destacava os grandes feitos e grupos sociais dominantes. Apenas em meados do século XX é que grupos de historiadores começaram a questionar estes procedimentos na medida em que eram excluídos grupos minoritários e temas cotidianos.

Nesta perspectiva seu foco voltou-se para a memória coletiva dos grupos acessível, sobretudo, pela utilização das metodologias alternativas ao trabalho estrito com documentos, como é o caso dos trabalhos apoiados na metodologia de história oral. (KESSEL, 2004, p.5).

## Aspectos da história oral às fontes orais

A denominação “história oral” é ambígua, pois adjetiva a história e não as fontes, estas sim, orais. A designação foi aplicada numa época em que as primeiras pesquisas históricas com fontes orais eram criticadas no campo acadêmico, que recusava sua validade como objeto digno de atenção e de status institucional. Meihy (2007, p.14) enfatiza que a história oral é uma parte do conjunto de fontes orais e tem na aquisição de entrevistas sua manifestação mais conhecida. “História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas.” (MEIHY, 2007, p.15).

Queiroz<sup>1</sup> (*apud* LANG, 1996, p.34) reflete sobre a história oral como um termo amplo que recobre tipos variados de relatos obtidos através de fontes orais a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documento, de fatos cuja documentação se quer completar, ou que se quer abordar por ângulo diverso.

---

<sup>1</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

Hoje não há mais dúvidas que os produtos de entrevistas em história oral devem sempre resultar em documentos de base material escrita, ainda que, em boa parte dos casos, sejam derivados de diálogos verbais. Contudo, somente a existência de um documento não resolve tudo.

Se há dúvida de qual é o documento em história oral – se a gravação ou o produto final, se o projeto da gravação ou o texto escrito e aprovado pelo colaborador -, não cabe desconfiança de que de um ou outro modo sempre, de um encontro gravado, se pode sair com pelo menos um suporte documental vertido do oral para o escrito. (MEIHY, 2007, p.24).

A captação de entrevistas independe da existência de documentos e se justifica em três situações: 1) existência de uma versão diferente da história oficial; 2) elaboração de uma “outra história” baseada em documentos efetuados para circunstâncias em que a interdição não permitiu registros; 3) estudos de memória, construção de identidade e formulação de consciência comunitária. Não obstante, a produção de entrevistas, ou documentos orais, a qual nos referimos, é utilizada como alternativa para preencher vazios dos documentos convencionais ou lacunas informacionais.

As atuais correntes da historiografia têm ressaltado a necessidade de uma reavaliação dos critérios pelos quais se determina a utilização e análise de fontes históricas, pois na produção do conhecimento, fatores como a subjetividade e a seletividade são inevitáveis.

[...] histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidar questões de determinadas questões e funcionam também como provas. (QUEIROZ *apud* FREITAS, 2002, p.26).

Ainda que seja considerada uma prática inovadora, a utilização de fontes orais, para ser reconhecida, deve provar que realmente se trata de uma “nova contribuição e que agrega uma metodologia e instrumentos de

análise consistentes, confiáveis e generalizáveis às demais pesquisas na área”. (PENNA, 2005, p.37).

A fonte oral, por alguns estudiosos, é mais do que história oral. Meihy (2007, p.13) a define como o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana; entrevistas, gravações musicais, ou, de modo geral, tudo que é gravado e preservado e constitui um documento oral.

A entrevista, em história oral, é a manifestação do que se convencionou chamar de “documentação oral”, ou seja, “suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim”. (MEIHY, 2007, p.14).

Assim, a documentação oral, quando apreendida por meio de gravações eletrônicas com o objetivo de registro, torna-se uma fonte oral. Lang (1996, p.34) aponta que as fontes orais podem assumir a forma de histórias ou relatos orais de vida, ou depoimentos orais, no que se convencionou resumir às entrevistas. Nas duas primeiras, a referência consta na própria vida e experiência do narrador e, na última, em fatos que presenciou ou sobre os quais detém informações.

O importante a ressaltar é o fato de que o indivíduo, que conta sua história, ou dá seu relato de vida, não constitui, ele próprio, o objeto de estudo; constitui o relato a matéria-prima para o conhecimento sociológico que busca, através do indivíduo e da realidade por ele vivida, apreender as relações sociais em que se insere em sua dinâmica. (LANG, 1996, p.37).

Lang (1996) observa que a forma mais difundida de coleta de dados orais é a entrevista, composta basicamente do diálogo entre pesquisador e narrador. Sob suas palavras:

Os documentos orais, na medida em que configuram formas diversas como história oral de vida, relato oral de vida, ou depoimento oral, respondendo a objetivos distintos, implicam cada qual em formas específicas de obtenção. A captação de uma fonte oral possibilita a construção do documento oral,

havendo uma corrente de pesquisadores para quem o documento original é a fita gravada e outra segundo a qual o documento é a transcrição. (LANG, 1996, p.35).

Segundo a definição de Gallian (1996, p.142):

Todos sabemos que as chamadas fontes orais para o historiador, são, fundamentalmente, entrevistas gravadas, transcritas ou não, onde determinado entrevistado narra acontecimentos sobre o passado – sobre o seu próprio ou o de outras pessoas, instituições, etc. –, partindo dos dados de sua própria memória e de estímulos que lhe podem ser dados pelo entrevistador através de perguntas, evocações, lembranças ou mesmo através de materiais como livros, fotografias, filmes, etc.

Com a fonte oral se inicia o questionamento que diz respeito à impossibilidade da fonte oral equivaler às demais fontes históricas. Criticava-se principalmente:

1) o fato de um depoimento oral jamais ser representativo de uma época ou grupo e trabalhar com uma seletividade não fundada em bases científicas; 2) a falta de confiança em dados transmitidos pela oralidade, que seria, por natureza, falível e subjetiva; 3) a falta do distanciamento necessário à objetividade da pesquisa. (SANTHIAGO, 2008, p.36).

Ainda a respeito da veracidade do depoimento oral, autores como Thompson afirmaram “que a utilização de entrevistas como fonte por historiadores vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos”. (THOMPSON *apud* SANTHIAGO, 2008, p.36).<sup>2</sup>

Penna (2005, p.40) aponta algumas questões acerca do trabalho com fontes orais: elas desobrigam o historiador a perseguir a excelência na pesquisa? O rigor teórico e metodológico é dispensável quando se trata de fontes orais? Para redigir um questionário, ouvir respostas e

<sup>2</sup> THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

publicá-las é necessário ter formação na área da história? Estas dúvidas ainda persistem quanto à metodologia e análise na utilização deste tipo de fonte, assim como as questões de organização da informação dessas fontes que correspondam às necessidades do usuário, tornando acessível a riqueza de informações encontradas nos acervos de programas de história oral.

Um olhar mais amplo verifica a potencialidade de uma metodologia que conta com a memória como fonte principal de informação, e permite a adoção de abordagens históricas de características diferentes.

A modernidade faz com que todos os historiadores encontrem-se diante do desafio de encarar as fontes orais, mesmo que muitos procurem ignorar os novos tempos. Paralelamente, aumenta o número de historiadores que cogitam, ou, efetivamente, utilizam as fontes orais, atendendo a uma demanda crescente por informações e análises sobre o presente. (PENNA, 2005, p.43).

É fato que a fonte oral, seja qual for sua forma, baseia-se essencialmente na memória, que é sempre uma reconstrução que evoca o passado visto pela perspectiva do presente e marcada pelo social, atuando na memória individual e coletiva.

Desta forma, embora a história oral não trabalhe especificamente com uma memória social ou coletiva, é preciso reconhecer que as memórias individuais são construídas a partir de vivências que os sujeitos experimentaram no curso de suas vidas, inseridos em grupos sociais. A manifestação da memória individual decorre de sua inserção em campos de significados de domínio coletivo, pois no ato de lembrar tomamos por referência os quadros sociais.

Acostumados a trabalhar com documentos contemporâneos dos acontecimentos que estudam, muitos pesquisadores ainda sentem dificuldades quando têm de lidar com fontes orais: produtos de entrevistas realizadas geralmente numa data distante dos acontecimentos de interesse. Não obstante, nos últimos anos, historiadores orais vêm desenvolvendo novos métodos de análise e de entrevistas fundamentadas num

entendimento mais complexo da memória e da identidade o que culminaria no maior proveito das memórias para fins de pesquisa histórica e sociológica.

Entrevistar não é somente um mecanismo para reunir informações. São necessárias habilidades humanas como paciência, humildade, vontade de aprender com os outros e de respeitar seus pontos de vista e valores, mesmo que você não compartilhe destes. (SLIM; THOMPSON *apud* WORCMAN; PEREIRA, 2006, p.200).<sup>3</sup>

Além da narrativa, outros conteúdos como fotografias, documentos e objetos pessoais, mais do que ilustrar o que foi dito, enriquecem e completam o depoimento atuando como um estímulo à constituição do documento oral e seu uso em projetos e pesquisas acadêmicas.

## A articulação entre a fonte fotográfica e a fonte oral

Quanto se trata da pesquisa histórica, Le Goff (2003, p.107-108) cita a grande extensão da documentação histórica contemporânea, em especial da documentação audiovisual e do recurso iconográfico. Neste caso, tratamos dos procedimentos metodológicos utilizados na constituição de fontes orais com análise e leitura do texto fotográfico.

Segundo Kossoy (2001, p.25), a partir da Revolução Industrial verificou-se um enorme desenvolvimento das ciências, pois surgia neste processo de transformação econômica, social e cultural uma série de invenções que influenciariam definitivamente os rumos da história moderna. A fotografia surgiu nesse contexto e teve papel fundamental como possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de

---

<sup>3</sup> SLIM, Hugo; THOMPSON, Paul. (Org.). **Listening for a change**: oral testimony and development. Londres, Panos Publications, 1993.

apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência, além de representar uma forma de expressão artística ter provocado uma nova forma de ver o mundo e de o próprio mundo ser.

A fotografia, do grego “photos” (luz) e “graphos” (gravação), nasceu de antigas experiências de alquimistas e químicos quanto à ação da luz. Em 1826, depois de anos de tentativas, Joseph-Nicéphore Niepce produziu a primeira fotografia do mundo, tirada da janela de sua casa. Dez anos mais tarde Louis-Jacques Mandé Daguerre lançou o daguerreótipo, processo em que uma placa de cobre prateada e polida, submetida a vapores de iodo, formava uma camada de iodeto de prata. Exposta à luz numa câmara escura, essa placa era revelada em vapor de mercúrio aquecido, que aderiria às partes onde a luz incidia e mostrava as imagens [...]. (KRAUSE, 2003, p.247).

O desenvolvimento dos processos fotográficos foi motivado pelo desejo de obter uma imagem permanente, um registro que guardasse com sucesso um fragmento de tempo, um acontecimento ou feição familiar. Fotografa-se para reter a realidade, uma parte do passado, como se fosse possível reter o tempo e denegar a morte.

Uma fotografia é uma representação plástica, ou seja, forma de expressão visual indivisível incorporada ao seu suporte e resultante dos procedimentos tecnológicos que a materializaram. Faz-se um objeto-imagem que, segundo Boris Kossoy (2001, p.40), significa ser um artefato no qual se pode detectar em sua estrutura as características técnicas típicas da época em que foi produzido. Toda fotografia representa uma interrupção do tempo, e, portanto, da vida – um fragmento selecionado do real a partir do instante em que foi registrado.

Desde a sua invenção, a fotografia tem se prestado ao registro amplo da experiência humana. A memória do homem e de suas realizações tem se mantido sob as mais diferentes formas e meios graças às aplicações da imagem fotográfica ao longo destes últimos 170 anos.

Não importa qual seja o objeto da representação, a questão recorrente é o aspecto da captura do tempo ou da preservação da

memória. Faz-se memória coletiva nacional preservada por meio da documentação fotográfica de monumentos, paisagens urbanas, rurais e naturais e da arquitetura. Relaciona-se também com a memória individual através do registro da aparência do homem congelada num dado momento de sua trajetória, como os retratos de família. “O álbum de família fala de nossas origens, mas também do que queremos fazer de nossa vida no futuro. Nós somos o álbum, convertendo-se ele próprio em consciência visual de nosso trânsito pelo tempo e pela vida.” (SILVA, 2008, p.22).

A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida retirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem. “A fotografia [...] revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.” (LE GOFF, 1985 *apud* KOSSOY, 2001, p.152).<sup>4</sup>

A visão da história por meio da fotografia remete de imediato ao emprego da iconografia fotográfica do passado nos mais diferentes gêneros de história e mesmo em outras áreas da ciência nas quais os pesquisadores venham a utilizar esta fonte plástica como instrumento de apoio à pesquisa, como meio de conhecimento visual da cena passada e, portanto, como uma possibilidade de descoberta.

Apesar de a fotografia ser o que se chama de “memória cristalizada”, sua objetividade reside apenas nas aparências, ou seja, as imagens pouco nos transmitem quando seu contexto é desconhecido. “Efetivamente não há como avaliar a importância de tais imagens se não existir o esforço em conhecer e compreender o momento histórico pontilhado de nuances nebulosas em que aquelas imagens foram geradas.” (KOSSOY, 2001, p.153).

---

<sup>4</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: ENCICLOPEDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p.39.

Segundo Justo (2008, p.31):

É inerente à fotografia o corte, a seleção e, conseqüentemente, a lacuna. Não é possível nela capturar a realidade absoluta. Não se pode ter certeza do tempo e do espaço que a fotografia apresenta devido à sua materialidade estática e ao enquadramento fixo. Entretanto, estes aspectos limitantes da imagem fotográfica são justamente o que nos permite ir além do explícito. A transcendência do tempo e do espaço permite que a memória e a narrativa preencham as lacunas impostas pelo recorte fotográfico.

Em pesquisas de história oral, as fotografias têm sido utilizadas de dois modos diferentes. Leite (1993, p.148) aponta que podem ser usadas como um meio de reavivar a memória dos sujeitos de quem se solicita a história de vida ou como testes projetivos, técnica desenvolvida na psicologia, fazendo que as mesmas fotografias desencadeiem lembranças e associações diferentes nos vários sujeitos da pesquisa.

O trabalho com fontes fotográficas é iniciado com a seleção de itens que serão utilizados com o entrevistado de acordo com sua relação com o foco da pesquisa. Desta forma, é possível estabelecer uma classificação do material que possa considerar a ordem cronológica e outros agrupamentos em unidades temáticas como “pose individual, pose de grupo, eventos sociais”. (BERNARDES; LOPES; SANTOS, 2003, p.354). “A memória, as lembranças estimuladas pela revisitação do acervo [fotográfico] culminam na explosão dos sentimentos em palavra: revivem-se histórias, causos, convidando o leitor das imagens a verbalizar estas vivências interiores.” (JUSTO; YAZLLE, 2008, p.167).

As narrativas obtidas do estímulo provocado pelos registros fotográficos constroem um sentido para a história que se conta. Segundo Spink<sup>5</sup> (*apud* JUSTO; YAZLLE, 2008, p.168), a produção de sentidos é o processo que possibilita leituras particulares do mundo construídas a partir das vivências coletivas.

---

<sup>5</sup> SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000. p.17-40.

O método de análise fotográfica oral, utilizado por Margarida Maria Rocha Bernardes (2003) no grupo de enfermeiras que atuaram no Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial, estabeleceu um olhar fotográfico às narrativas deste grupo. Neste método, segundo ela, o uso de fotografias equivalia ao uso de fontes primárias de estudo.

Não podemos revelar e copiar uma lembrança: “[...] os leitores da documentação fotográfica procuram na imagem, e através das imagens, as lembranças comuns e os significados realçados”. (LEITE, 1993, p.36).

A articulação dos depoimentos orais com as fotografias e outras fontes permitiu a obtenção de dados inéditos não registrados em fontes oficiais. Esses procedimentos empregados na busca e análise das informações vislumbram uma nova maneira de revitalização da memória durante a entrevista e oferecem uma inusitada possibilidade de pesquisa histórica. (BERNARDES; LOPES; SANTOS, 2003, p.357).

Justo (2008, p.36) destaca o papel integrador da fotografia na história familiar.

As fotografias antigas revividas através dos álbuns e aliadas às narrativas podem ter um papel integrador na estrutura familiar e passar para as gerações mais jovens os valores e a história do grupo. Desta forma atua como memória viva, palpável, fonte de informação.

Esta articulação entre registro fotográfico e entrevistas na constituição do documento oral se apresenta como um método de investigação que permite que o pesquisador utilize diferentes técnicas para aprofundar o conhecimento sobre um determinado fenômeno em estudo, sem perder o cuidado com o registro das entrevistas com o uso de gravadores de vídeo e áudio; aparatos que legitimam a fonte oral como evidência.

Quanto à distinção entre arquivo oral e fonte oral, Voldman (1998, p.248) aponta que o arquivo oral é um documento sonoro, gravado por um pesquisador, em função de um assunto específico, mas cuja guarda numa instituição destinada a preservar os vestígios dos tempos passados

para os próximos historiadores venha a ser naturalmente seu destino. As fontes orais constituem o material recolhido por um pesquisador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informação que lhe pareça necessária.

Corrêa (1996, p.67-68) cita a primeira das normas ditadas pela Oral History Association, dos Estados Unidos, em documento de novembro de 1968, que preceitua que as informações colhidas pelos entrevistador não devem atender somente às suas próprias pesquisas, mas serem úteis também a todos os estudiosos do presente e do futuro.

Meihy (2007, p.126), nos processos de composição da história oral, afirma que o arquivamento remete aos cuidados e responsabilidade na manutenção do material obtido, pois se condena a descartabilidade das gravações, cabendo aos diretores do projeto a guarda ou destino dos produtos. “Enfim, empregaremos a expressão ‘arquivo oral’ para designar a fonte confiada a um organismo público (ou a uma pessoa física ou jurídica) e que pode ser consultada nas condições legais habituais”. (VOLDMAN, 1998, p.248)

Lembramos que tanto entrevistador quanto entrevistado são corresponsáveis pelo conteúdo de uma entrevista, e deve haver a preocupação de retorno do projeto que utilizou a fonte oral.

Indo além dos envolvidos, podemos entender que o acervo produzido também diz respeito à sociedade como um todo. Tão importante quanto registrar e preservar histórias é tornar esse conteúdo acessível e útil de forma ampla. O conteúdo pode ser organizado e disponibilizado para o público em um espaço físico ou virtual. (WORCMAN; PEREIRA, 2006, p.214).

## Ciência da informação e as fontes orais

Através da observação dos pontos colocados até aqui, é possível perceber que, embora necessário, o trabalho do profissional da informação com fontes orais se depara com diversas variantes. A isto podemos incluir o uso quase que exclusivo, geralmente, do profissional da informação

apenas como arquivista, em vista do historiador como maior atuante na produção ou lida com fontes orais.

A coleta de fontes orais sem uso imediato apresenta-se explicitamente como uma constituição de acervos arquivísticos, o que aqui tratamos por arquivos orais, que necessitam de um processo de organização e de conhecimento de seu conteúdo para possível recuperação com maior precisão, dadas as dificuldades de trabalhar com as suas especificidades. De que forma, então, o profissional da informação pode atuar junto do documento cuja fonte é oral?

No âmbito da museologia, arquivística e biblioteconomia e documentação, Smit (2002, p.74-94) trabalha com o conceito de documento audiovisual, ou seja, aquele que congrega diferentes gêneros documentais e suportes. Ainda neste contexto, expõe o conceito de documento sonoro para especificar os registros sonoros em suas categorias de suportes. Por informação sonora documental a autora inclui os depoimentos, entrevistas, relatos, palestras, reportagens, etc. Diante dos novos aparatos tecnológicos que permitem o registro de depoimentos em vídeo, Smit (2002, p.90) cita a informação cinematográfica documentária como aquela que pretende retratar a realidade sob a forma de reportagens, documentários e por fim as entrevistas.

Diretamente relacionada à realização de entrevistas, a constituição de acervos apresentava, há alguns anos, problemas a despeito dos esforços que vinham sendo realizados com vistas a estimular a formação e organização de acervos de história oral.

Para começar, não existe a preocupação por parte dos pesquisadores de realizar entrevistas com a perspectiva de convertê-las em fonte para outros pesquisadores no futuro, o que implicaria, necessariamente, a obediência a determinados critérios de organização do depoimento e a observância de certos padrões técnicos de gravação. (FERREIRA; AMADO, 1998, p.xii [apresentação])

Sabe-se que a preservação e a possibilidade de acesso a acervos de história oral constituem uma tarefa difícil. Brando (2008, p.3) afirma

que essas informações, ainda que possam ser recuperadas com o auxílio de ferramentas de consulta, muitas vezes sequer são procuradas. Então como fazer com que estes acervos sejam mais explorados?

Segundo Tourtier-Bonazzi (1998 p.242), o profissional da informação, em projetos com foco na história oral, tem abertura para trabalhar nas seguintes atividades: formar, coordenar e suscitar. A formação trata da transmissão de um método a pesquisadores e instituições que desejam se dedicar a este tipo de trabalho, tendo em mente que ele próprio tenha adquirido prática na recompilação de depoimentos. A coordenação é indispensável diante do aumento considerável de pesquisas com fontes orais e a atuação do profissional da informação é baseada na organização e sua realização, a exemplo dos Arquivos Nacionais da França, podendo ser iniciada e conduzida com a organização de fichários para controle de pesquisadores e instituições. Na suscitação, compete ao arquivista recompilar doações ou depósitos de fontes escritas, estabelecer uma classificação e torná-las acessíveis para consulta.

Barros<sup>6</sup> (*apud* BARBOSA, 2008), ao trabalhar com a denominação de Moderno Profissional da Informação, infere com relação ao

[...] tratamento e disseminação de informação: enquanto o bibliotecário tradicional se envolve apenas com a informação impressa em suportes tradicionais, o Moderno Profissional da Informação centra suas atividades na informação independente do suporte físico. (BARROS *apud* BARBOSA, 2008, p.77).

Brando (2008, p.10) aponta nos acervos orais um campo de trabalho carente de profissionais da informação que colaborem para otimizar o acesso e o uso da fonte oral em outras áreas de pesquisa, considerando que ela necessita ser compreendida como informação que deve ser tratada e recuperada.

---

<sup>6</sup> BARROS, Maria Helena Costa de Barros. **Disseminação da informação: entre a teoria e prática.** São Paulo, 2003.

Para que os acervos orais deixem de ser restritos a alguns usuários e passem a servir como fonte de pesquisa para outros, sugere-se a

[...] realização de pesquisas sobre a possibilidade de análise das fontes orais no âmbito descritivo e na análise de conteúdo das entrevistas de história oral para a aplicação em unidades de informação como programas de história oral, arquivos e centros de informação. (BRANDO, 2008, p.1).

As especificidades das fontes orais geram muitas possibilidades de pesquisa que normalmente os sistemas de representação e recuperação da informação não são capazes de alcançar, o que torna necessária a verificação de como as informações contidas nas entrevistas são representadas para que seja possível recuperá-las com maior exatidão. Neste contexto, identificar o usuário de acervos orais é fundamental para a definição de novas ferramentas de busca e acesso aos conteúdos informacionais disponíveis.

Atualmente, os procedimentos de organização e descrição dos documentos orais nos programas de história oral e em centros de documentação seguem orientações variadas. Assim como o tratamento das informações contidas nos documentos fotográficos, o tratamento desses acervos ainda não possui um consenso então a maioria das instituições realiza seus próprios catálogos. “Boa parte deles recorre a critérios da Biblioteconomia catalogando peça a peça e outros adotam princípios da Arquivologia descrevendo os conjuntos documentais nos quais preservam informações sobre cada um dos registros.” (KHOURY *apud* BRANDO, 2008, p.11).<sup>7</sup>

Assim, não há dúvidas de que o profissional da informação possui um campo extenso de possibilidades de atuação com fontes orais tanto nas etapas iniciais de formação e coordenação de projetos de história

---

<sup>7</sup> KHOURY, Yara Aun. Documentos orais: da produção à preservação: uma inquietação presente. In: CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, 6., 2005, Campos do Jordão. *Anais...* Campos do Jordão, 2005.

como, principalmente, a organização da informação em acervos orais que validam a informação e a torna útil para outras áreas do conhecimento que começam a reconhecer a importância e o potencial do registro oral.

## Considerações finais

Com os conceitos apresentados, buscou-se constituir estudo exploratório e explicar aspectos introdutórios do desenvolvimento da história oral desde a primordial tradição oral até o uso de equipamentos que possibilitaram a gravação de imagem e som. Tal avanço permitiu o desenvolvimento da chamada história oral contemporânea e a introdução e aceitação do objeto de estudo desta pesquisa nas demais áreas do conhecimento: a fonte oral.

Buscando na literatura aspectos que construíssem uma trajetória mais consistente e conceitos menos diversos e contraditórios, foi possível notar a atual relação da história oral e dos documentos orais com a ciência da informação, que até então não tem conquistado o devido espaço.

O trabalho com história oral considera um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação do depoimento. Em um primeiro momento exige pesquisa e levantamento de dados para a preparação dos roteiros de entrevistas tomadas como fontes para melhor compreensão do passado junto de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro que constituem fontes riquíssimas de resgate do cotidiano e que se perdem quando encaramos os grandes temas. A história oral possibilita o conhecimento de conteúdos que não estão em documentos tradicionais e essa riqueza de informações normalmente está inserida em um ambiente que, na maioria das instituições, é desperdiçado; inexplorado.

Passadas as iniciais discussões sobre o desenvolvimento da história oral contemporânea com relação aos seus produtos e o que os legitima como fonte de informação, criar mecanismos e metodologias capazes de

suprir as necessidades de informação dos usuários que acessam os acervos orais tornou-se um potencial campo de atuação ao profissional da informação não apenas arquivista, como os pesquisadores utilizam no âmbito da história oral, mas bibliotecários e cientistas da informação.

Considera-se muito necessário o uso de instrumentos que auxiliem na recuperação dessas informações, que, dessa forma, possibilitem o uso, a potencialização e a dinamização desses acervos para que possam servir à sociedade de forma eficaz e democrática. Cabe ao profissional da informação compreender todos os aspectos que constituem uma fonte oral para que esteja apto a interpretar e selecionar a informação que deve ser utilizada nas estratégias de busca mais precisas. Não por menos, o recente uso de fotografias em projetos de história oral tem se tornado um instrumento e estímulo precioso na constituição de fontes orais.

Apesar de conservar informações, o registro fotográfico passou por constantes divergências acerca de sua aceitação como documento (que, em seu sentido mais tradicional, considerava o documento escrito, manuscrito e impresso). O fato de ser passível de manipulação também pesou para que o conteúdo informativo da fotografia fosse timidamente utilizado no trabalho histórico. Porém, na última década tem sido cada vez maior o interesse pelo registro fotográfico no âmbito acadêmico. Para estudiosos da história social e de outros gêneros como a história oral, assim como para pesquisadores de outros ramos do conhecimento, as imagens são documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado.

Tanto a fonte oral quanto o registro fotográfico exemplificam pontos recentemente abordados no campo da ciência da informação e juntos multiplicam as possibilidades de atuação do cientista da informação. Nesse sentido, espera-se abrir um espaço para debate dessas questões com o intuito de avaliar constantemente os significados e instrumentos atribuídos à produção, organização, tratamento e difusão dessa nova estrutura documental procurando, sem dúvidas, o direito à informação.

Este trabalho foi realizado para expandir os horizontes de atuação do profissional da informação para caminhos pouco explorados. Não houve intenção de responder as muitas questões e contradições levantadas ao longo do estudo, mas gerar o questionamento a partir do conhecimento da trajetória de desenvolvimento e uso da metodologia de história oral e de seus produtos, para refletir sobre as possibilidades abertas ao profissional da informação.

## Referências

BARBOSA, Mônica. **História oral**: abrindo caminhos para os profissionais da informação em Ribeirão Preto. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência da Informação e da Documentação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2008.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira; SANTOS, Tânia Maria Franco. Método analítico fotográfico oral: uma proposta inovadora em pesquisa histórica. **Revista de Enfermagem da UERJ**, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/revenfermuerj.html>> . Acesso em: 10 fev. 2010.

BRANDO, Daniele Cavaliere. Estudo dos princípios de indexação e recuperação da informação em entrevistas de história oral. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 15., 2008, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: AAB, 2008. Disponível em: <[http://www.aag.org.br/anaisvcba/conteudo/paginas/indice\\_autores.htm](http://www.aag.org.br/anaisvcba/conteudo/paginas/indice_autores.htm)> . Acesso em: 10 fev. 2010.

CORRÊA, Carlos Humberto P. História oral: considerações sobre suas razões e objetivos. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.).

**(Re)Introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996. p.62-70.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FREITAS, Sônia Maria. **História oral:** procedimentos e possibilidades. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

GALLIAN, Dante Marcelo C. A memória do exílio: reflexões sobre interpretação de documentos orais. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996. p.141-150.

JUSTO, Joana Sanches. **Olhares que contam histórias:** a fotografia como memórias e narrativas da família. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2008.

JUSTO, Joana Sanches; YAZLLE, Elisabeth Gelli. O enlace da narrativa oral com a imagem fotográfica. **Revista Diversa:** Piauí, 2. ed, jul./dez. 2008. Disponível em: <[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/parnaiba/arquivos/files/rd-ed2ano1\\_artigo10\\_Joana\\_Sanches.PDF](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/parnaiba/arquivos/files/rd-ed2ano1_artigo10_Joana_Sanches.PDF)> . Acesso em: 2 jan. 2010.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva.** 2004. Disponível em: <[http://www.museudapessoa.net/escolas/textos\\_apoio.htm](http://www.museudapessoa.net/escolas/textos_apoio.htm)> . Acesso em: 25 dez. 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KRAUSE, Gustavo Bernardo . A arte de escrever com luz: memória, fotografia e ficção. **Figuraciones Teoria y Crítica de Arte**, Buenos Aires, v.1-2, n.1, p.247-260, 2003.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. p.33-47.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

PENNA, Rejane Silva. **Fontes orais e historiografia**: avanços e perspectivas. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

SANTHIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. **Saeculum Revista de História**, João Pessoa, v.18, jan./jun. 2008. p.33-46.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. Tradução de Sandra Martha Dolinsk. São Paulo: Senac, 2008.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Documentação audiovisual. In: LIMA, Yedda Dias; SMIT, Johanna Wilhelmina. (Coord.). **Organização de arquivos**. São Paulo: USP-IEB, 2002. p.79-94.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.65-92.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.233-246.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.247-266.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. (Coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.